



10 de setembro de 2007

1) O que você entende por jornalismo?

MR - Jornalismo é uma forma de colocar as pessoas em contato com a sociedade e com o mundo, uma forma de comunicação, portanto, que inaugurou uma linguagem específica cujo centro é o evento singular. O jornalismo trata daquilo que é considerado “fato noticioso”; esse fato é, por definição, aquele que possui um significado especial e que carrega consigo informações que devem ser úteis e relevantes. O fato dissolvido no cotidiano não é “noticioso” porque não é expressivo, mas os fatos que se destacam e que insinuam algo de novo podem ser noticiosos na medida em que agregam informação. Ninguém poderia noticiar que o sol nasceu esta manhã, mas se, por acaso, ele deixar de aparecer um dia estaremos diante de um grande fato jornalístico. O único inconveniente dessa notícia é que, talvez, não houvesse mais tempo para lê-la. Esse exemplo pode servir para explicar o que pode constituir o interesse em torno dos fatos e, portanto, lhe emprestar algum valor jornalístico como evento singular. Essa história, entretanto, não é suficiente para entender o jornalismo porque, muitas vezes, será necessário destacar da realidade fatos que são banais e que acontecem a todo momento e que, nem por isso, deixam de ser significativos. Nas escolas de jornalismo costuma-se contar uma historinha parecida com aquela do sol. Conta-se aos alunos que se um cachorro morder um homem, isso não será um fato noticioso, mas se um homem morder um cachorro isso é notícia. Há, é claro, uma verdade nesse tipo de metáfora, mas há, também, uma armadilha perigosa: a idéia de que o valor de uma notícia pode ser medido pelo seu ineditismo. Para quem exercita o jornalismo com um compromisso ético, o ataque de um cão sobre uma pessoa deverá ser sempre uma notícia importante pelo simples motivo de que as pessoas são, sempre, muito importantes.

2) Qual a sua opinião sobre o sensacionalismo exagerado dos meios de comunicação, no caso, do jornalismo?

MR- Os meios de comunicação precisam de público e, muitos, fazem qualquer negócio para assegurar maiores audiências ou leitores. Esse é o caminho mais curto para assegurar anunciantes e aumentar o faturamento. Então rola muita sacanagem e o compromisso ético passa a ser só um discurso vazio.

3) Para você, o que significa ser ética no jornalismo? Você acha que os profissionais respeitam essa ética?

MR- Eu conheço muitos profissionais éticos. Gente que jamais faria algo questionável moralmente. O problema é que esses profissionais integram uma minoria entre os jornalistas. Acho que é assim, também, entre todas as outras profissões. O fato, é que vivemos em uma época onde a maioria das pessoas despreza a exigência de viver com princípios. Alguns profissionais do jornalismo brasileiro são, mesmo, “barra pesada” e são capazes de tudo, até de “vender” matérias. A maioria dos que não atuam eticamente, entretanto, é composta por aqueles que, pressionados por seus patrões ou com o receio de perderem seus empregos, terminam se subordinando a situações inaceitáveis do ponto de vista moral ou “dando férias” aos seus próprios princípios. É preciso saber diferenciar esses dois tipos, até porque o segundo tipo pode ter um bom comportamento e mesmo uma postura ética se as suas circunstâncias pessoais de sobrevivência e dignidade estiverem garantidas. Esses são como a grande maioria das pessoas. Os primeiros, não. Independentemente das circunstâncias que lhes sejam asseguradas, eles estarão sempre sacaneando alguém. Então, há diferenças. Apenas um grupo mais decidido e honrado é capaz de perder o emprego para defender seus princípios. A ética no jornalismo tem pouco a ver com o que dizem os manuais de redação ou com os compromissos de categoria profissional. Quando falo em “ética no jornalismo” estou me referindo, primeiramente, à exigência de subordinar toda e qualquer abordagem da realidade ao objetivo de torná-la melhor. Assim, o jornalista que atua eticamente se perguntará, sempre, sobre as conseqüências sociais de suas matérias. Segundo, atuar eticamente no jornalismo significa atuar para garantir o direito das pessoas. De todas as pessoas, bem entendido. Normalmente, os jornalistas não resistem a um “furo” e terminam divulgando determinadas informações a que tiveram acesso ainda que isso destrua a vida de alguém ou produza conseqüências danosas sobre o conjunto da população. Nesse momento, eles “racionalizam” esse tipo de atitude afirmando que sua “missão” é informar e que eles não devem julgar os fatos, nem omitir dados do público. Mentira. Todos nós estamos sempre “julgando fatos” e “omitindo informações do público”, ainda quando pensamos que não fazemos isso. Quando você seleciona um fato para fazer uma matéria, você já decidiu, também, silenciar sobre outros e assim por diante.

4) Você acredita na liberdade de imprensa brasileira?

MR- Acredito e luto por ela. Acho, entretanto, que os jornalistas e os veículos devem ser responsabilizados pelos abusos que, eventualmente, cometem. A história, então, deve ser assim: liberdade total, absoluta, para dizer e escrever o que se desejar e responsabilidade legal pelas pisadas na bola. Um jornalista deve ter toda a liberdade para, por exemplo, afirmar que o presidente é um bêbado. Mas o presidente tem o direito de processá-lo por calúnia e difamação. Essa possibilidade de processar jornalistas por danos à imagem não constitui, como adoram afirmar os donos dos meios de comunicação, um “atentado à liberdade de imprensa”. Os maiores atentados à liberdade de imprensa no Brasil, aliás, são praticados pelos próprios donos dos meios de comunicação que impedem matérias, por exemplo, que contrariem os interesses de seus anunciantes.

5) Quais os prós e contras de ser um jornalista?

MR- Os prós:

- 1) Você pode ter uma vida bem agitada
- 2) Você se obriga a entender um pouco, pelo menos, de muitas coisas e, se for um profissional dedicado, pode até virar uma pessoa culta.
- 3) Você conhece pessoas interessantes e inteligentes e ainda pode ser encarregado de entrevistar a Gisele Bündchen.
- 4) Você pode ajudar muito o seu país e também ajudar muitas pessoas a superar injustiças.

Os contras:

- 1) As chances de você ganhar bastante dinheiro sendo um profissional honesto são mínimas.
- 2) Às vezes, você pode ficar no meio de um tiroteio e bala perdida adora jornalista.
- 3) Se você se meter a denunciar gente poderosa há uma boa chance de ter que sair do Brasil e, às vezes, arrumam um jeito para você fazer uma matéria especial no Iraque.

Como você vê, há mais prós que contras.

6) Como jornalista, qual o papel que você acredita ter na formação de uma sociedade melhor? O que você faz para mudar a situação social e intelectual do nosso país?

MR- Bem, já faz um tempo que não trabalho como jornalista. Estive nos últimos 18 anos de minha vida envolvido com a luta pelos Direitos Humanos e essa história virou uma coisa muito mais importante do que meus vínculos com o jornalismo. Sigo escrevendo para jornais e revistas, mas isso é quase um hobby. Penso, entretanto, que os jornalistas podem ajudar muito na formação de uma consciência crítica nacional, no esclarecimento de caminhos para novas políticas públicas, no destaque que podem conferir a certos temas que, por isso, passam a integrar a pauta política do país e, assim, sucessivamente.

7) Qual a sua crítica ao modelo atual do jornalismo brasileiro?

MR- Acho que o jornalismo brasileiro tem se desqualificado muito e que a opção feita pelos veículos tem sido a da superficialidade. Fundamos no Brasil, na TV especialmente, um estilo “vídeo clip” de jornalismo cujo centro é a imagem, não o texto. O problema é que raciocínio não tem imagem, compreendes? As matérias de nossos jornais estão cheias de chavões e lugares comuns e, hoje, é raro encontrar alguém em uma redação que tenha, de fato, um grande texto. Muitos dos novos jornalistas que vem sendo formados por nossas universidades carregam consigo uma enorme carência cultural. Sabem fazer releases e aprenderam na Universidade uma espécie de “técnica de redação”. O problema deles é que não conhecem, verdadeiramente, sequer um tema e, também, não estão empenhados em entender nada de verdade. O resultado é, normalmente, uma aflição só. Temos grandes nomes no jornalismo brasileiro, é claro. Quando a gente lê um texto do Alberto Dines, por exemplo (Observatório de Imprensa) tem uma idéia do quanto o jornalismo pode ser cultura e reflexão. Quando nós lemos um cara como o Elio Gaspari, descobrimos que ainda há espaço para um texto inteligente e militante em nossos jornais. O problema é que não estamos mais formando gente com essa grandeza e aqueles que possuem qualidades do tipo nem sempre conseguem produzir dentro do padrão de superficialidade que foi se impondo. É pena.

Fechar Janela